

**Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

**Percurso Histórico**

**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Katsuyohi Kurata**

**Faculdade Tecnologia de São Paulo**

**São Paulo/SP**

**2021**

## Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História Oral de Vida

Entrevistadora: Rosemeiry de Castro Prado

Instituição: Fatec Ourinhos

Levantamento de dados preliminares da entrevista:

A entrevista com o professor Kurata foi a mais longa das entrevistas realizadas. Considerado um professor tão enérgico quanto formal pelos demais colegas, o colaborador foi se tornando cada vez mais receptivo e emotivo durante o seu relato. O professor Kurata foi o mais cauteloso em relação à autorização da disponibilização integral da entrevista textualizada, dando opiniões e ideias para complementar o texto ou ratificando/retificando algumas passagens. A entrevista ocorreu no período da manhã do dia 07 de dezembro de 2016, na “Sala da Matemática” e deu indícios, por meio das narrativas do professor, de muitos aspectos que envolvem a história, a memória e a formação dos professores de Matemática nas faculdades envolvidas. Essa entrevista foi realizada para a tese de doutoramento “AS FACULDADES DE TECNOLOGIA DO ESTADO DE SÃO PAULO: um histórico da instituição e aspectos relativos ao ensino de Matemática nela praticado” na Unesp/Campus Bauru, em 2018<sup>1</sup>.

Elaboração do roteiro da pesquisa elaborado pela entrevistadora e pesquisadora:

Rosemeiry de Castro Prado

Local da entrevista: Fatec São Paulo – Avenida Tiradentes, 615 – Bom Retiro – São Paulo/SP.

Data: 07 de dezembro de 2016

Técnico de gravação: Rosemeiry de Castro Prado

Duração: 1 hora, 30 minutos e 49 segundos

---

<sup>1</sup> Consultar: [http://www.memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/dissertacao/prado\\_rc\\_dr\\_bauru.pdf](http://www.memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/dissertacao/prado_rc_dr_bauru.pdf)

Número de vídeos: 04 (quatro)

Transcritora: Rosemeiry de Castro Prado

Número de páginas: 23

### **Sinopse da entrevista**

Essa entrevista foi cedida pela entrevistadora para compor um volume dentro do projeto “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, proposto para o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP), da Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza. Realizou-se a entrevista com o professor Kurata, da Fatec São Paulo. Em sua entrevista, o professor menciona que, com o passar dos tempos os professores da Fatec São Paulo começaram a participar mais efetivamente de convênios, projetos e cursos de capacitação. Na década de 1990, um dos cursos que foi criado e se chamava MPCE - Materiais, Processos e Componentes Eletrônicos - possibilitou um convênio e um intercâmbio de professores com a Alemanha e com a França. O professor Kurata narra que, apesar de estar formado, não possuía mestrado porque naquela época a exigência por titulação ainda não era preponderante para a atuação do docente em instituições superiores. Na Fatec, vigia o sistema de indicação. A narrativa do professor Kurata desenrola-se seguindo a trajetória de diferentes situações pelas quais passou em sua carreira docente, situando, nessa trama, pessoas que assumem determinada importância em sua carreira.

### **Transcrição da entrevista**

Data da transcrição da entrevista: 27 de janeiro de 2017

Nome da transcritora: Rosemeiry de Castro Prado

### **Parte I**

#### **Vídeo um (30 minutos e 36 segundos)**

**Rosemeiry de Castro Prado (RCP):** Bom dia professor, em primeiro lugar eu quero agradecer a sua possibilidade de fazer parte dessa pesquisa. Ela vai ser parte do meu trabalho de doutorado da Unesp de Bauru, no qual eu participo do grupo de pesquisa chamado GOHEM, grupo de história oral em educação matemática. O meu orientador é o

Professor Vicente Garnica, e nós trabalhamos com narrativas, através dessas narrativas nós transformamos em fontes. Fontes para que outros historiadores, outros professores possam utilizá-las, e no meu caso específico eu estou mapeando a formação de professores das faculdades de tecnologia do estado de São Paulo. Então mais uma vez muito obrigada por nos receber. Eu queria que o senhor começasse falando um pouquinho a respeito da sua... enfim, da sua infância, da sua trajetória até se constituir professor da Fatec São Paulo.

**Katsuyoshi Kurata (KK):** Ok?

**RCP:** Sim.

**KK:** Bom, meu nome é Katsuyoshi Kurata de descendência japonesa, nasci em Marília, fui criado em Pacaembu Paulista, nasci no mato e fui criado no mato, sou grosso...

**RCP:** (risos) Rústico.

**KK:** Junto com os nordestinos cresci, fiz o antigo ginásio no interior, em 1963 vim para São Paulo fazer o colégio científico no Colégio Estadual Presidente Roosevelt, no bairro da Liberdade. Em 1966 fiz o cursinho no Anglo Latino, e lá tive a oportunidade de conhecer o meu mestre, e até hoje de matemática, o professor Cid Guelli, que infelizmente hoje já não está mais presente. Em 67 entrei no IME USP, curso de Matemática, em plena ditadura militar. Fui bem classificado, trigésimo primeiro lugar, e em 67 já dava aula no antigo primeiro grau lá no Ipiranga, mas sem registro em carteira. Em 68, num colégio de freiras, o primeiro professor homem do Instituto Nossa Senhora Auxiliadora aqui do Belenzinho, com carteira assinada comecei a dar aula, só com atestado de matrícula, porque naquela época tinha lá aqueles professores, eram contratados mesmo já tendo matrícula no curso de matemática. Em 69 fui para o colégio Infante Dom Henrique, onde realmente aprendi a dar aula, ainda estudante, estudando, curso científico, dei aula de matemática, desenho geométrico. Em 72, fevereiro de 72, fui para a escola técnica Lauro Gomes em São Bernardo do Campo, fiz concurso lá, aí já estava formado, formei em 1971. Era para formar em quatro, formei em cinco, devido à reforma universitária de 1969. Então em 1971, em dezembro, já estava formado. Em 72 comecei a dar aula no Lauro Gomes, fiquei um ano, nem um ano e meio lá, porque hein 73... 72, a minha família veio do interior para cá. Em setenta e... fiquei até julho de 73 lá no Lauro Gomes, em maio de 73, antes de fechar o meu contrato, fui indicado, convidado, naquela época não tinha concurso público, pelo professor Mario Pagliaricci de eletricidade, que dava aula lá, e pelo professor Benedito Moreira Costa, que veio antes aqui, a gente trabalhava junto lá, ele ficou impressionado com o nosso curso de Matemática para o curso de Eletrônica, Eletrotécnica e Mecânica lá no Lauro Gomes, e indicou ao Professor Aníbal Callado, que era o coordenador da área de matemática aqui. Em 73, em maio de 73, dia 6 de maio senão me falha a memória, de 1973, eu estava entrando numa sala de aula aqui. Fazia dois anos, um ano e meio, é dois anos, um ano e meio, que eu estava formado, não tinha mestrado nem nada, porque naquela época era por indicação. Quem era bom a gente indicava, quem era ruim a gente mandava embora no dia seguinte. E o professor Aníbal Callado era engenheiro pela Poli, e era professor de pós também da USP, muito amigo do Jacy Monteiro na época, da professora Elza Gomide, Waldyr Oliva, e com ele eu aprendi, pra mim foi um grande

aprendizado, mas sempre inspirado no Professor Cid Guelli, que eu comecei a gostar, talvez é por isso que eu acho que eu fui fazer... escolhi a carreira de professor, e aqui eu aprendi com o professor Aníbal Callado que era coordenador, que mais tarde ele tornou-se chefe do departamento de ensino geral aqui da Fatec São Paulo, e foi diretor da Fatec. Ele era muito rigoroso, antes de entrar na sala ele pediu que eu assistisse a aula dele na sala 13s aqui, e corrigir a prova dele. E só no semestre seguinte é que ele me colocava para dar aula. Talvez eu acho que fui um dos únicos que ele fez isso, não sei por quê. Não sei se ele gostava de mim, ou porque ele desconfiava da minha capacidade...

**RCP:** (risos)

**KK:** E assim aprendi a dar aula com ele, e eu ainda lembro até hoje, saudoso professor Callado. Ele dizia olha, você é matemático Kurata, mas você está dando uma aula não para matemáticos, você está dando aula para um curso de tecnologia. Pra gente que tem formação matemática, a gente tem uma visão não é, de dar uma aula assim estritamente para matemática, e aqui era um curso de Tecnologia. E isso foi um grande aprendizado com ele, durante tantos anos trabalhei junto com ele. Ele dava aula para Mecânica e eu dava aula para a turma de Edifícios. Isso no começo da Fatec, porque a Fatec Sorocaba foi a primeira, a Fatec São Paulo foi a segunda em 1970, quando a Poli saiu daqui desse prédio, é aí que nasceu a Faculdade de Tecnologia entendeu? Então a primeira foi Sorocaba, depois foi aqui, começou com dois cursos de civil e mecânica. E ainda eu ajudei a implantar, porque estava no começo, 73, estava em fase de implantação. Depois daí surgiu o curso de Processamento de Dados, que hoje chama-se Análise e Desenvolvimento de Sistemas, implantei, ele me colocou lá para dar matemática 1 e 2. Implantei esse curso, depois veio o curso de soldagem, que eu também implantei. Eu acho que eu fui um dos poucos aí a implantar todos esses cursos aí, junto com ele. Aí vieram outros cursos no decorrer do tempo né, e assim fiquei aqui na Fatec, sempre inspirado no professor Cid Guelli, até hoje eu uso né giz amarelo, colorido, junto com o branco, como o professor Cid Guelli fazia, e o professor Gelson lezzi, esse está vivo ainda, o Gelson lezzi que ele escrevia de uma forma assim... tinha uma ótima caligrafia na lousa. Essas coisas até hoje eu puxei eles eu acho, entendeu? Escrever na lousa, a organização didática, certas entrelinhas que a gente fala durante a aula, na hora de expor um determinado assunto, aqueles tiques né, que o Cid tinha, que o Gelson tinha, o Osvaldo Dolce também tinha, o Mário também tinha né de Desenho. E assim... entrei como assistente, depois por progressão fui para a categoria de associados, e aí subi para o pleno, antigamente tinha até o professor da categoria pleno, era a categoria máxima. Em 1990, 91 por aí, um dos cursos que foi criado aqui chama-se MPCE, Materiais Processos e Componentes Eletrônicos, e começou acho que em 91 ou 92, e para isso, naquela época tinha um convênio, intercâmbio internacional com Alemanha e com a França. Na França eram chamadas de IUTs, Instituto Universitário de Tecnologia, e na Alemanha se chamava Für Hochschule, Für é específico, Hoch é superior, e schule escola, e corresponde mais ou menos às escolas, às Fatecs aqui em São Paulo. Fiz um projeto, fui aprovado, o MEC pagou a minha passagem, e com contrato aqui, e o DAAD Deutscher Akademischer Austauschdienst, que corresponde ao status da CAPES, me deu uma bolsa na Alemanha. Fui aprovado, em 1990, em março embarquei e voltei em julho, um semestre que para eles é o segundo semestre letivo lá na Alemanha, na Für Hochschule de Munique. Outros colegas foram para a França, outros foram para a Alemanha também, Berlim, o Carlos, o

Rui, mas eu fui para Munique. E lá acompanhei o curso de matemática, de cálculo, geometria, acompanhei o curso de machine bauLE, que é construção de máquinas, de civil, depois (ininteligível) civil daqui, informatik et mathematik que corresponde ao processamento de dados aqui na Fatec, e acompanhei várias disciplinas e dei algumas aulas de exercício para curso de eletrotécnica lá, porque o curso aqui estava voltado para rádio eletrônica né, dei umas aulas de exercício lá porque o professor achava que eu ficar só olhando não dava certo, então ele falou ó, precisa dar aula, eu dei umas aulas de exercício e misturando alemão um pouco com o inglês, e passei a acompanhar o curso de cálculo. Quando eu voltei, eu implantei o curso de cálculo diferencial e integral 1, que era o nome, não sei se agora é esse, 1 e 2, porque lá era oito aulas de Cálculo 1 e 8 aulas de cálculo 2 né, tanto é que o único curso de cálculo aqui que tinha oito aulas era o MPCE. Eu não sei se agora mudou aí, eu implantei esse curso novo de MPCE. Depois em 92 o professor Benedito Moreira Costa, que também é o meu inspirador, um professor... ele é negro de cor, e a gente estudou na USP junto, depois que ele deixou de ser chefe do departamento de ensino geral, eu virei o chefe do departamento de ensino geral aqui da Fatec São Paulo, fiquei por 4 anos chefiando o departamento, fui até 1996. Nesse período, também dei aula para o curso de bombeiros, formação de bombeiros da Polícia Militar do Estado de São Paulo, durante... esse aí fiquei quase 20 anos, na academia do Barro Branco aqui também, fiquei lá uns cinco ou seis anos lá para implantar o curso de Estatística, porque tinha um convênio o Paula Souza com a polícia militar. Então por esse convênio a gente deu, prestou esse tipo de serviços. Em 1997, em março, com a reforma que estava no congresso, no governo Fernando Henrique Cardoso, para não perder algumas vantagens, fui obrigado a me aposentar. Aí com a aposentadoria, tive que ir, a escola mandou embora. Não queria ir embora, mas a escola mandou embora. E no ano 2000 por aí, em 1999 para 2000, parei aí uns dois ou três anos, fiquei aqui vindo por tempo determinado, 2 anos, fica, vai embora, volta, assim... aí fiquei... chato né essas coisas, esses dois anos aí... Aí acabei nesse período fazendo mestrado né, porque eu estava parado, fiz o mestrado...

**RCP:** O senhor fez mestrado em qual instituição?

**KK:** Eu fiz naquele esquema do Paula Souza (ininteligível) aqui coordenador, aí apareceu um concurso em 2008, prestei de novo, e estou até agora trabalhando aí, talvez eu seja um dos mais antigos aqui em vida, não tem mais nenhum antigo aqui, nem esse que está aqui ao lado, esse é novo.

**RCP:** Ele falou que ele é novinho... (risos)

**KK:** Eu acho que não tem, porque o mais antigo depois de mim era o professor Benedito, ele não está aqui, a professora... o professor Santos Escudeiro também não está, o professor Ulisses Magno também não está, a professora Aline também não está, então eu sou o mais antigo, neste momento eu sou o mais antigo professor de Cálculo da área de Matemática.

**RCP:** E nesse decorrer são quantos anos de instituição, de Fatec?

**KK:** 73 até hoje...



**RCP:** É... descontamos os dois anos né, de afastamento...

**KK:** São 73... dá 20... 36 mais 7...

**RCP:** Quarenta e poucos anos.

**KK:** 40 anos.

**KK:** 40 anos, é quase meio século aqui. E nunca dei aula em outro lugar não, em termos de curso superior. Tive oportunidade, mas sempre fiquei aqui. Minha vida é dedicada à Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo.

**RCP:** Desde quando o Senhor chegou, mesmo depois com concurso, sempre regime CLT?

**KK:** Sempre foi CLT.

**RCP:** Mesmo quando se passou... também quando a Fatec foi encampada, a Unesp em 1976, continuaram as mesmas condições, o senhor sentiu alguma interferência ou não?

**KK:** Não. Para nós aqui da Fatec, no dia a dia aí, não mudou nada. Para mim não mudou nada. A única coisa que mudou é o nível dos alunos, quer dizer na década de 70, 80 o nível dos alunos era excelente perto de hoje. Hoje praticamente os alunos vem aqui analfabetos, entendeu. Então é isso que eu sinto. Hoje a gente cobra muito pouco, naquela época, as provas daquela época é outra coisa.

**RCP:** O senhor falou que ajudou a implantar vários cursos aqui na Fatec. E toda vez que isso acontecia, qual seria a visão em relação à matemática, as disciplinas que abordam a matemática nessa implantação?

**KK:** Olha, eu sempre fui um crítico de muitos colegas inclusive aqui, que a abordagem cálculo da matemática deve ser dada de acordo com a modalidade do curso. Então se eu dou aula para Edifícios, eu tenho que pesquisar e estudar para dar aula para o pessoal de civil, se eu dou aula, por exemplo, para a área de Mecânica, eu tenho que preparar uma aula para a área de mecânica, não pode ser a mesma aula para todas as modalidades. Se você dá aula para Hidráulica e Saneamento Ambiental, você tem que dar um cálculo voltado para eles, para isso você tem que estudar um pouco, você tem que fazer pesquisas para preparar uma aula, e o meu curso sempre foi assim. Se eu dou uma aula, por exemplo, para o pessoal do ADS, que dava aula de cálculo 1 e 2, eu procurava dar sempre com enfoque voltado para eles. E isso não ocorre aqui, infelizmente até hoje. A mesma aula que o professor prepara aula de cálculo 1 por exemplo, ele dá aula para todas as modalidades no mesmo esquema, até os exercícios são iguais. Eu não. O meu material que eu escrevi, o meu material didático, é diferente para cada modalidade. Eu acho que deveria, é isso que eu aprendi com o professor Aníbal Callado, entendeu? Mas hoje, mesmo hoje, os professores aqui, tão veteranos, de tantos anos, eles não têm essa cabeça de preparar uma aula diferente para cada modalidade.

**RCP:** Mas o seu material não poderia ser usado como referência dos cursos?

**KK:** A gente não exige essas coisas né, aqui dos colegas. Mas deveria ter um professor aqui, um orientador, deveria ser principalmente aquele que é mais antigo, principalmente aquele que conhece a História da Fatec, porque muitos aqui não conhecem a história da Fatec. Muitos. Principalmente os mais novos, entendeu. Deveria aqui ter um professor para exatamente ensinar a dar aula, como o Callado o professor Callado me fez, ensinar a dar aula. Eu assisti a aula dele. Ele falava assim, é assim que você dá, não é do jeito que você está pensando não. Não. Isso aqui é suficiente, ele falava. Então hoje eu acho que como tenho muitos professores já aposentando, parando, e morrendo inclusive, talvez os mais antigos aqui deveriam ter uma função, não digo administrativa, uma função especial de orientar os novos que vem, e ensinar, fazer eles assistirem a sua aula, como o professor Aníbal Callado fez comigo. Primeiro assistir a minha aula, não precisa ser todas as aulas, entendeu, de uma modalidade, acompanhar, para ver como é que deve ser apresentado, o tipo do exercício, se tem um problema de aplicação, fazer uma pesquisa sobre aqueles tipos de problemas voltados, entendeu, para mecânica por exemplo é importante espiral de Arquimedes? É. Espiral logarítmica? É. Porque eles usam isso em mecânica, agora isso não interessa para o pessoal do ADS. Então para o pessoal do ADS você tem que dar aplicações voltadas para a área de Economia e Administração, entendeu? Ou outras aplicações voltadas, por quê? Porque se você fizer um curso de GV, aquele curso de MBA da GV por exemplo, lá você vê um cálculo que você precisa ver, então para essa turma de ADS precisa dar esse tipo de aplicações. Então são exercícios e enfoques, que devem ser dados diferentemente de acordo com o curso. Para curso de ambiental, hidráulica e ambiental, você tem exemplos bonitos, excelentes, voltado na área deles, basta pegar um livro de engenharia ambiental. E quem é que faz isso aqui hoje? Então é o que eu estou falando professora, deveria ter um professor, de preferência, não necessariamente o mais antigo, que conhece a história da instituição, e como é que a Fatec surgiu, e qual é objetivo dela. Esse professor devia ter uma função coordenadora, para mostrar como é que se dá aula de cálculo, de estatística inclusive. E não botar o professor aí na sala de aula e ó, vai dar aula. Então ele faz o que quer. E isso está acontecendo aqui, infelizmente. E ninguém faz nada. Então tem aluno que reclama né, de uma turma, é lógico, às vezes é uma coisa que não interessa, tem que dar coisas que interessa, que são subsídios importantes para eles desenvolverem ou criar competências para adquirir outras habilidades em outras áreas. É essa a nossa função de cálculo. A gente não vai ensinar integral hoje e eles vão ficar sabendo integral o resto da vida. Não, a gente tem que dar competências para que eles possam adquirir certas habilidades, certas habilidades necessárias para o desenvolvimento de outras disciplinas. Não que você vá usar integral lá na vida dele, não, isso é dado para que eles possam... para mostrar para eles porque eles precisam saber isso, porque em determinadas coisas eles tem que ter essa ideia. Por exemplo em Estatística, nas distribuições contínuas de variáveis aleatórias. Mas não é feito isso infelizmente. Agora o que eu vi lá na Alemanha, eu não fui para as IUTs da França, mas aquilo que eu vi na Alemanha, lá os professores lá estão preocupados em dar uma ferramenta, para resolver problemas lá que interessam para eles, em construção de máquinas equações diferenciais que eu vi lá, é tudo voltado à prática. O cara... o professor nem dava a teoria de equações diferenciais, ele colocava um problema de mecânica lá, na área de construção de máquinas, eles... como é que nós vamos resolver isso aqui? E resolvia sem dar teoria de equações diferenciais. Mas eles tinham cálculo antes é lógico.



Agora lá não estão preocupados, não tem interesse em formalizar demasiadamente a coisa para ensinar, aqui não, a gente perdemos muito tempo para formalizar determinadas coisas, e não damos o mais importante. Ou seja, nós não estamos potencializando essa capacidade necessária para que eles possam adquirir determinados conhecimentos em outras áreas. É o que eu vi na Alemanha. Eu trouxe essa ideia para cá também, essa é a outra parte, a outra face da didática que eu procuro desenvolver aqui, sempre lembrando da Alemanha. A Alemanha, ela dá muita importância para, digamos assim, a prática, é ferramentas, máquinas, só... por quê? Porque são profissionais que são formados nessas Für Hochschule que vai para a indústria, para o setor produtivo. Entendeu? São profissionais que vão para o setor produtivo, não são pessoas que vai para a pesquisa, não são engenheiros que vão para a pesquisa. Engenheiros que vai para a pesquisa lá vai para a université, então corresponde então é muito parecido com as nossas Fatecs.

**RCP:** Então o senhor acha que isso não foi possível ser implantado aqui porque a gente tem uma mistura de filosofias? Uma mistura de coisas. Quer dizer que a Fatec não conseguiu nem bem se definir como modelo, como estrutura lá da Alemanha ou... enfim a gente tem uma mistura de filosofias aqui dentro ao longo da história da...

**KK:** Não é uma questão de filosofia, eu acho que se o professor Aníbal Callado tivesse aqui até hoje comandando a matemática, eu acho que tava funcionando, por quê? Porque quem conheceu o Professor Aníbal Callado foi o professor Walter, o professor Ayrton, e o professor Jaques, os outros não conheceram. Só que não houve um sucessor do professor Aníbal Callado aqui. Ele implantou o curso de matemática como deveria ser aqui para uma escola de tecnologia. Depois que ele saiu, ele não deixou herdeiros né, os outros, o professor Santos Escudeiro que conheceu ele faleceu, o professor Bismarck eu nem sei onde ele anda, a professora Aline Carlinati Gonzalez aposentou e nunca mais voltou, aqui o professor Benedito Moreno Costa foi... também se aposentou e foi, antes de mim todos eles, então não ficou ninguém da velha guarda, o mas mais antigo como eu disse para você eu acho que sou eu. Eu não vejo ninguém mais antigo do que eu. Depois de mim é o Professor Walter que vem, depois vem o professor Ayrton, o professor Jaques, o Seizen, mas aí já foi sabe, deteriorando entendeu? Porque não houve um comandante aqui, que era o professor Aníbal Caçlado, ele estabelecia, tem que ser assim.

**RCP:** E é interessante que a Fatec São Paulo, ela tem esse departamento de Matemática.

**KK:** Não é departamento é área de matemática.

**RCP:** Área de matemática.

**KK:** Isso não é um departamento, é uma área de matemática, que até o estatuto da Fatec ele é polêmico, nós não temos status de departamento, mas nós temos uma quantidade de professores que é muito maior que muitos departamentos aí. Nós participamos do departamento de ensino geral, essa é uma área de matemática subordinada ao departamento de ensino geral.

**RCP:** Sempre existiu?

**KK:** Hein?

**RCP:** Sempre existiu?

**KK:** Sempre foi assim.

**RCP:** Sempre foi assim.

**KK:** Nós não somos um departamento, chama-se área de matemática.

**RCP:** Isso se deve ao professor Callado?

**KK:** É.

**RCP:** É?

**KK:** Eu acho que é. Eu acho que ele que criou isso aí, precisa ver a história, como que foi isso. Mas em termos didático-pedagógicos é que eu falo, o problema não está em ser a área de matemática ou departamento de matemática a meu ver. O problema é que tem que ter um comando, não digo que seja um ditador, mas precisaria, se é para melhorar.

**RCP:** Por que o senhor não assume esse comando?

**KK:** Não tem essa figura de um comandante. Quer dizer, o coordenador da matemática, que hoje é o professor Ayrton Barbone, deveria ser, mas desde aquela época, depois do Professor Aníbal Callado, passou aqui vários coordenadores, mas eram pessoas que não gostavam de ficar aí direcionando colegas, como é que deve dar aula, essas coisas, entendeu?

**RCP:** O senhor fala dos professores novos, que não tem o comprometimento como vocês tinham. Isso eu já escutei também em outras entrevistas. Mas será que esse fato não se dá se dá justamente porque esses professores novos estão envolvidos com várias instituições? E na época de vocês não, não havia a necessidade de se trabalhar em tantos lugares?

## **Parte II**

### **vídeo 2 (30 minutos e 15 segundos)**

**KK:** É. Hoje né os professores, a maioria, dá aula em vários lugares. Agora nós naquela época, a nossa equipe, que é a equipe que realmente não dava nenhum trabalho, que era responsável, não faltava, seguia mais ou menos naquela mesma linha de trabalho das aulas, que era o professor Benedito, a professora Aline, eu, o professor Walter, o professor Ayrton, o Jaques, essa velha guarda né que veio por indicação né, entendeu, nunca teve problemas esses professores.

**RCP:** Mas será que a instituição não oferecia melhores condições?

**KK:** E esses todos trabalharam só aqui, era dedicação exclusiva.

**RCP:** Então. O que hoje não acontece mais.

**KK:** Hoje não acontece mais.

**RCP:** Então antes tinha possibilidade de o professor ter a dedicação exclusiva?

**KK:** Não é dedicação, trabalhar aqui tinha que dar mais que... não sei quantos, 40, 50 aulas, então não tinha como dar aula. Eu por exemplo naquela época ainda, eu aguentei mais alguns anos o Ensino Médio, porque eu era efetivo do colégio estadual né, então eu fiquei mais até uns 7 ou 8 anos ainda no colégio. Ia dar aula no colégio, uma quantidade mínima de aulas, e depois vinha aqui. A gente trabalhava a sábado aqui, até as 5 horas da tarde tinha aula. Então no fim dava mais de 50 aulas por semana, entendeu? Aí depois eu acabei largando o colégio evidentemente, pedi demissão e fiquei só aqui. Os outros colegas também fizeram mais ou menos semelhantemente, quer dizer aquela velha guarda né, que eu acabei de citar, e mais alguns que não estão aqui, eram professores que se dedicavam integralmente. E tinha uma linha de trabalho já estabelecida pelo professor Aníbal Callado, já tinha uma matéria pronta né. Olha, mesmo assim, ainda naquela época, tinha alguns, como é formação matemática, formalizava matematicamente demais as coisas, por quê? Por que todo professor é formado em matemática né? Então quando dá aula você tem aquela coisa de matemático. Por isso que o Aníbal falava, o professor Aníbal Callado falava olha, você é formado em matemática, você está dando aula para tecnólogos hein? Entendeu? Por isso é que eu acho importante para o professor que vier aqui, ele durante o semestre assistir à aula de um professor aqui, eu não sei se os outros colegas fizeram isso, eu fui feliz. Na época eu achei meio ruim né? Porque eu precisava assistir aula do professor e ainda corrigir as provas dele durante um semestre antes de assumir as aulas. Quer dizer, hoje eu agradeço por ele ter feito isso. Eu acho que ele não fez isso com os outros não, por isso eu aprendi a dar aula. Mais o que eu vi na Alemanha né, mais o material que o professor Benedito trouxe da França, entendeu? Então você consegue fazer uma coisa assim bem prática sem sair, sem fragmentar o ensino, o assunto, porque uma das coisas ruins é aquela fragmentação que é feita hoje em dia no ensino médio e ensino fundamental. Não é para você chegar e chutar a matéria, não é isso que eu estou querendo dizer, é uma arte aí de preparar uma aula né? Porque existe uma certa... não é para fragmentar as coisas, picar as coisas, e jogar para o aluno aprender, não é isso que eu estou querendo dizer, entendeu? Porque se é para fragmentar aí volta o que é feito hoje em dia no ensino médio, por isso que os alunos vêm todos aí sem saber nada, quer dizer analfabetos né? Essa última pesquisa do OCDI aí sei lá, essa semana eu vi aí, entendeu? Analfabetos em matemática.

**RCP:** Com certeza.

**KK:** Fez a prova de Português e de Ciências e Matemática, é isso que acontece. Ninguém ensina nada, entendeu? E a Fatec, se não tomar cuidado, está virando isso aí. Cada um faz o que quer, só reclama porque o aluno não sabe nada, sabe? Eu sou obrigado a resolver o problema, se o cara vem aqui e não sabe nem somar números? O aluno não

tem culpa, ou você acha que o aluno é culpado? Não! O sistema está errado. A estrutura está errada do Ensino Médio e Fundamental. Nós vamos melhorar o ensino superior quando melhorar lá. Agora, enquanto não vem, não adianta a gente ficar chorando porque o aluno não sabe nada, a gente tem que ser um artista, de dar a matéria e tentar recuperar ao máximo esses alunos aí. Se de 10 a gente recuperar 1 já é um sucesso a meu ver. Nós temos que ter esse pensamento, não humanitário, não digo humanitário, mas a gente tem que ter essa responsabilidade como educador, porque a gente não é um professor de cálculo e matemática simplesmente, a gente não pode esquecer que a gente é educador, e o aluno sabe quando o professor é um educador ou é aquele que vomita matéria, da matéria e vai embora. O aluno sabe. Muitos alunos já me disseram obrigado Kurata, você não é só professor de cálculo, você é um educador.

**RCP:** Eu vejo o senhor bem preocupado com essas questões pedagógicas, metodológicas, didáticas. O senhor chegou a fazer alguma faculdade de pedagogia?

**KK:** Eu tenho, mas eu não gosto de pedagogia. Não gosto por quê? Porque é por causa desses pedagogos que o nosso ensino está desse jeito. Eu fiz pedagogia naqueles cursos de final de semana aí, só para ter o diploma. Então eu tenho Pedagogia Plena também. Mas eu tenho vergonha de falar porque os pedagogos é que estragaram isso aí a meu ver. Sabe, é preciso ter essa pedagogia, mas uma coisa... não é aquela teoria de pedagogia aí, aquele blá-blá-blá que não funciona não, é uma Pedagogia em sala de aula, entendeu? É isso que nós temos que ter. Uma coisa é aquela pedagogia que a gente aprende né, dos pedagogos aí fora, a outra é a pedagogia matemática, ou seja, o profissional em sala de aula. É bem diferente. Tanto é que eu sempre falo assim que um grande mestrado para o professor dar aula na Faculdade aqui, ele deveria ficar 5 anos para dar aula no ensino fundamental e médio. Esse é o melhor mestrado, o verdadeiro mestrado. Deveria ser um pré-requisito para o professor dar aula na Faculdade. Ele dar cinco anos no ensino médio ou fundamental. Esse deveria ser o mestrado, ter experiência lá. Assim como na Alemanha, lá nas Für Hochschule, para o professor dar aula nessa universidade, nessa faculdade, vamos chamar de universidade de ciências aplicadas na Alemanha, ele precisa ter 5 anos na indústria, é o pré-requisito. Pelo menos na época que eu fui lá ele não precisava ter mestrado e doutorado não, mas ele tinha que ter 5 anos na indústria, profissional. O que é que mostra essa preocupação lá? É que a pessoa realmente tenha experiência né, mesmo para dar aula de Cálculo ele tem que ter experiência na indústria, cinco anos. O que é que você entende por isso né? Não sei se hoje é assim, mas na época que eu fui era assim. É exatamente em sala de aula, a preocupação é a sala de aula. Agora, nós temos isso? Não. Nem na indústria nós não temos, com nossos professores de matemática. Nós não temos experiência na indústria. Também a maioria nunca deu aula no ensino médio e nem no fundamental. Eu dei aula para o primeiro grau, segundo grau, vários anos, fui efetivo, sei os problemas do dia a dia, ainda o ensino médio estava bom quando eu saí, entendeu? Eu tenho a visão lá, porque eu dei aula lá durante 15, 17 anos. Agora, quem nunca deu aula, nunca deu aula, e vem dar aula aqui na faculdade, ele não tem ideia do que acontece lá. Por isso o melhor mestrado deveria exigir mestrado lá, aqueles cinco anos para ele dar aula, aí ele vai pensar duas vezes em preparar uma aula aqui. Ele vai ter sensibilidade para entender as dificuldades dos alunos. Hoje eu vejo que os professores não têm essa sensibilidade. E eu digo isso não é só em cálculo não, eu digo isso em várias disciplinas básicas. Por que que não tem isso? Até hoje. E fica reclamando que os alunos não sabem

nada, não é solução. Nós temos que resolver o problema hoje, já, aqui, entendeu? Você entra na sala lá, você tem que dar aula para esses alunos, não tem como. Como é que você vai fugir? Você tem que ser um artista. Esse realmente, verdadeiramente deveria ser dissertação de mestrado. E como motivar esses alunos? Porque tem muito aluno, nós temos hoje alunos numa modalidade que entra 60 alunos, termina o curso com 20. E os 40? Desistentes. Por quê? Primeiro, o aluno vem aqui e é uma outra cultura, é outro mundo, aquilo que ele viveu naqueles sei lá 5, 8, 10 anos, e aqui é uma outra cultura, porque aqui a gente trabalha série. O aluno aqui tem que estudar, fazer prova, e é média 6 ainda, então ele chega aqui ele fica assustado. Ele vê que não tem condições de acompanhar. Então alguns desistem porque se sentem assim, outros eles ficam desmotivados, provavelmente uma desmotivação, ele não tem motivação para fazer o curso. Agora, para onde vai esses que estão desistindo, realmente professora eu não sei.

**RCP:** É... verdade...

**KK:** Será que ele vai para uma outra faculdade? Talvez ele vá para uma Uni das contas aí né, que paga e você tem um diploma. Aqui não, eu falo para eles. Aqui você não tem promoção automática, aqui a gente trabalha série ainda viu? Até quando eu não sei. Agora, precisa o professor motivar. Motivador, mostrar na primeira aula de cálculo, por exemplo, mostrar para ele por que que essa atividade matemática chamada Cálculo Diferencial e Integral é dada em todas as faculdades, inclusive nas biomédicas e na administração de empresas. Por que essa matemática? Para isso a pessoa precisa ler um pouco o livro do Boyer por exemplo, do (Ives) por exemplo para ver a história da matemática, pelo menos os últimos 600 anos. A partir de Fibonacci pra cá pelo menos. O ideal é começar lá no Arquimedes em 283 a.c., porque a integral foi descoberta lá. A ideia de integral veio com Arquimedes, e a derivada veio agora aqui com Newton e Leibniz, quer dizer não é Newton e Leibniz, o mais importante são aqueles que vieram na esteira deles, como François Viète. Então para isso tem que fazer uma História da Matemática, e eu fiz curso de pós-graduação em Rio Claro na Unesp com o professor Sérgio Nobre, que é uma das maiores autoridades em história da matemática mesmo depois de... ainda estava trabalhando aqui em 1998, e ia lá toda semana para fazer esse curso da história da matemática, só para fazer essa disciplina, por que eu achava que era uma falha minha entendeu? Eu preciso conhecer um pouco a história da matemática, principalmente de século 12, 13 pra cá. Principalmente do renascimento europeu para cá. Como é que a matemática se desenvolveu? Porque a maioria dos matemáticos estão na França e não está na Ucrânia, por exemplo? Hã? Professora, é uma pergunta que eu estou fazendo. Tem certas coisas que um professor de cálculo, de matemática, tem que saber. Para mostrar para os alunos um pouco da história, uma breve história. Então a primeira aula de Cálculo deveria ser esse resumo histórico, um breve histórico, para mostrar para ele porque que ele vai ter que estudar esse cálculo. Porque se ele não estudar isso aí ele não vai adquirir competências, ele não vai conseguir adquirir certas habilidades em outras áreas do conhecimento se ele não tiver isso. Porque o Cálculo nasceu com a natureza de um homem interessado em conhecer o mundo, o planeta chamado planeta terra. O Cálculo veio junto com a Física né? Falando a física em termos de hoje. Ela nasceu junto. Foi a ferramenta que justificou que o planeta é que gira ao redor do sol, e não o contrário como se acreditava, ou obrigava a acreditar, e quem contrariava foi torturado, todo mundo sabe de Galileu Galilei entre outros. Entendeu? Então essas coisas é que tem que mostrar para o aluno que o cálculo, essa atividade



matemática chamada Cálculo diferencial e integral, ela nasceu para resolver o problema da nossa vida, da nossa natureza, do nosso planeta, por isso ela está ligada a todos os segmentos da nossa sociedade. Você fala em vazão, o que que é? É a taxa de variação do volume pelo tempo, você fala em corrente elétrica, eletricidade, é uma taxa de variação da carga em relação ao tempo, tem tanta coisa que é derivada aí no nosso dia a dia. É isso que ele tem que saber, que ela está ligada ao nosso dia a dia, à natureza, é isso que os professores têm que mostrar e motivar os alunos. Agora, para isso, cada professor tem que ter um pouco de, digamos assim, de vontade de ir atrás. Agora, não precisa fazer um curso de pós com o Sérgio Nobre. O Sérgio Nobre eu fui lá sabe professora, porque ele fez o doutorado dele na História da Matemática na Alemanha, e na Alemanha as bibliotecas são muito ricas na história da matemática. E é por isso que eu fui fazer o curso com ele. Mas não precisa fazer um curso com o Sérgio Nobre, pega o Boyer aí, basta ler o Boyer, o Ives, em português ainda, não precisa pegar esses outros livros da História da Ciência, entendeu? Para que o professor de cálculo possa inteirar do problema, o que que ele está fazendo lá, quem é que faz isso aí? Dá um breve histórico. Só eu faço. E eu tenho uma turma de calouros, o resto é tudo veterano porque eu dou aula de estatística na maioria hoje.

**RCP:** O Senhor deu aula de Estatística, Cálculo, mais alguma disciplina ao longo desses anos?

**KK:** Tudo. Geometria...

**RCP:** Tudo? Geometria, matemática aplicada...

**KK:** Todas as disciplinas de todas as modalidades eu dei, porque eu implantei todos esses cursos, ajudei a implantar. Aqui tem nome diferente né? Na Mecânica esse se chama Métodos de Cálculo 1 e 2, para o Processamento de Dados antigos chamava-se Matemática 1 e Matemática 2, hoje não existe mais, para o MMPCE chama-se cálculo diferencial e integral 1 e 2 sabe, cada curso tem um nome diferente. Hoje a maioria é Cálculo 1 e 2, por exemplo materiais, eu dou aula para materiais de Cálculo 3, que é cálculo avançado. Cálculo 3 é resolução de equações diferenciais de ponta a ponta, você dá séries, você dá todos os métodos de resolução de equações diferenciais, métodos de coeficientes a determinar, depois dá transformada de Laplace, séries de Fourier, aquelas coisas todas, sistemas de equações diferenciais, tudo isso é cálculo avançado né, e na Poli isso aí é dado lá no Cálculo 3 ou 4 Inclusive. Então eu dou esse cálculo e eu não sei o que eles viram no Cálculo 1 e 2, eu sei quem são os colegas que dão aula, mas sempre no meio né... sempre no meio eu coloco sabe, porque não dá para você gastar uma aula inteira falando, então sempre no meio das aulas eu coloco, olha, isso aqui é devido a isso, essa é a François Viète entendeu, isso aqui é série de Fourier, quem foi Fourier, Fourier foi recente, foi um cara recente ou (ininteligível) Rene (ininteligível) Matemático polonês, é muito recente entendeu, então toda vez que eu dou série de Maclaurin, porque que tem, ah é um escocês lá Colin Maclaurin, qual foi a data dele de vida, ele nasceu em que ano, morreu em que ano, sempre eu dou esse, como se diz, essa entrada entendeu. Para que os alunos possam ter uma ideia da coisa. Laplace, se fala em Laplace para tudo quanto é lado, equação de Laplace física em Física, teorema de Laplace em determinantes, quem foi Laplace, era um engenheiro Laplace, foi braço direito de Napoleão Bonaparte entendeu,



revolução francesa 1690, 1790, sei lá entendeu? E sempre situando os alunos, eu falo as coisas vem assim. Gaspar Monge, quem foi Gaspar Monge, desse Desenho Técnico que vocês aprendem em Geometria descritiva, ele também foi um dos ministros, braço do Napoleão Bonaparte. Então o aluno vai perceber que toda essa geometria aí do Gaspar Monge nasceu lá. E o aluno vai começar entendendo as coisas. Por isso que no meu material, eu tenho material, quando eu dou aula eu tenho um material escrito didático, não é uma apostila, entendeu? Sempre que eu coloco alguma coisa vai um adendo. E eu falo olha, eu comento esse cara foi isso, isso e isso. Entendeu? Newton, 1640, tendo antes em 1627 se eu não me engano, essa é a era newtoniana, é aqui que nasceu a derivada. É aqui que nasceu a derivada. Eu digo olha, todas as descobertas importantes, as revoluções, ocorreram depois disso, pode pegar a ciência, pega o livro da história da ciência, entendeu? Não é porque eu sou professor de cálculo que eu estou puxando o saco não. Uma coisa era antes de cálculo, a outra era depois de cálculo, porque muda o pensamento do ser humano. A inquisição acaba aí. Eu até falo para eles ó, assiste aquele filme do Sean Connery, O Nome Da Rosa, sei lá, entendeu? Veja lá, aquilo lá é século 11 por aí, lá começa o pensamento científico. Lá começa o início desse último Milênio, 1150, a era de Fibonacci. Pega lá como era o mundo aquilo lá, era a inquisição, lá você começa a ver o Sean Connery é o mestre, lá começa a haver lá a relação entre o mestre e o discípulo, o menino lá é o discípulo, aí começa a falar, mas como é que o cara morreu se caiu de lá e, et cetera, et cetera, lá vem a Física, nasce o pensamento científico, e aí começa o renascentismo europeu, aí entra na Era de Newton. Todo em desenvolvimento existe eu falo para eles, entendeu? Mas para isso você precisa ler um pouco, estudar um pouco, para nós professores mostrarmos para os nossos alunos. Eles fazem? A maioria? Eu acho que não. Eu nunca perguntei, viu professora.

**RCP:** Certeza que não.

**KK:** Mas eu tenho essa preocupação até hoje.

**RCP:** O senhor pegou todas as fases da Fatec né, fase de... essa última fase, a fase de expansão, a primeira fase de implantação, enfim, o senhor acompanhou toda essa história né, e a matemática ao longo dessa história também aqui na instituição. É bonito, muito bonito de se ver.

**KK:** Eu continuo o mesmo, o nível dos alunos caiu. O nível caiu bastante, mas a minha aula continua sendo inspirada pelo professor Cid Guelli e no Gelson Iezzi, mesmo estilo, giz amarelo, minha preferência. Os alunos tiram foto, principalmente Estatística que tem muitos gráficos sobre a parte de diferenças, distribuição normal, distribuição T, distribuição do tipo quadrática. Os alunos tiram foto. Tem até no YouTube aí que os alunos postaram, um dia eles filmaram, e eu estava dando uma aula de limite. Diz que tá lá, não fui eu que postei não, eu dando bronca lá nos alunos no YouTube. Então eu sou chato, sou rigoroso com o aluno, mas dizem né, que eles aprendem comigo. E o índice de aprovação não é 100%, mas diante dessa situação meu índice de aprovação é muito bom. E aluno que fica reprovado também sai satisfeito comigo. Você acreditou nisso professora?

**RCP:** Acredito, com certeza.

**KK:** Entendeu? Eu sempre falo, no primeiro dia de aula eu falo para eles, o aluno que trabalhou comigo, no final do semestre, aprovado ou reprovado, ele tem que sair satisfeito comigo. Essa é minha filosofia de trabalho. Ficou reprovado, mas ele tem que sair satisfeito. Olha, não é fácil isso, imagina o aluno que fica reprovado sair satisfeito, você vai dizer, mas ele tem que sair. Essa é minha preocupação. E o aluno que ele fica reprovado ele não vem reclamar.

**RCP:** É professor, a sua história é uma história muito rica, muito bonita, eu ficaria conversando com o senhor o dia inteiro, mas nesse momento o senhor gostaria de relatar mais alguma coisa em relação à sua formação?

**KK:** Olha, eu não tive uma boa formação viu, porque peguei a época da ditadura militar nos 5 anos que eu fiquei na USP, naquela reforma universitária de 69, tive que fazer algumas disciplinas entendeu?

**RCP:** O senhor fala aquele famoso 3 mais 2? 3 anos mais...

**KK:** É.

**RCP:** O senhor fez...

**KK:** Era para formar em 4, formei em 5 porque levei uns DP lá...

**RCP:** Ah sim...

**KK:** Entendeu? E depois tinha umas disciplinas... eu me formei em licenciatura, fiz licenciatura lá.

**RCP:** Não bacharelado.

**KK:** Não. Eu fiz licenciatura lá, porque eu já estava dando aula a muito tempo no ensino médio né, científico.

**RCP:** Licenciatura em matemática.

**KK:** E peguei umas greves, sabe? Na época da ditadura lá. Então, a formação que eu tive, eu acho que não foi boa. Porque tinha semestre lá que ficava um mês, dois meses de greve, sabe? Então você tinha alguns cursos lá que não foi legal para mim sabe?

**RCP:** Às vezes até professores que foram embora do país por conta da ditadura né?

**KK:** Então, eu acho que a minha formação da USP não foi boa em função de muitas paralisações, muitas assembleias que tinha lá né, porque era no prédio da Física né, Instituto de Física, que a maioria das aulas tinha, porque a matemática não tinha prédio né, funcionava no prédio da reitoria né, uma sala lá no bloco lá, a maioria das aulas foi no Instituto de Física.

**RCP:** Poucos alunos ou muitos alunos?

**KK:** Olha, não era muito aluno, em torno de... tinha turmas de 15 alunos, 20 alunos né? Tinha algumas disciplinas que você não passava mesmo entendeu, por exemplo disciplinas que o professor Schahin dava, você já fazia matrícula naquela disciplina sabendo que não ia passar. Ninguém passava. Mas era um crânio homem né? Tinha essas coisas né, não sei se hoje é assim lá, já faz muito tempo que eu formei né, mais de 40 anos, então eu não sei como que está lá hoje né. Agora a Matemática tem um prédio próprio né, naquela época minha não, a gente não tinha prédio, a gente ficava pulando para lá e para cá, às vezes tinha sala aula na sala da Poli, no prédio da Física, na Reitoria, entendeu? Então foi uma época difícil né. Espero que hoje esteja melhor o curso lá né? Aí eu tentei fazer mestrado lá, fiz algumas disciplinas com o Waldyr Oliva, desisti, porque eu estava já trabalhando naquela época lá, meu pai lá tinha plantação de cafezal, queimou lá com a geada, tive que trabalhar, então precisava dar aula, muita aula, então não sobrava tempo para fazer uma coisa direita e tal. Então foi uma época difícil, uma época difícil, porque a gente trabalhava, então eu acabei não fazendo mestrado porque você se dedicava a Fatec, a partir de 73 eu fiquei aqui, você se dedicava integralmente, não tinha espaço para fazer mestrado.

**RCP:** E nem incentivo, a instituição não dava nem afastamento né?

**KK:** Não tinha nem incentivo, entendeu? Não tinha nem incentivo. Só quando chegou lá na década de 80, final de 90, que o pessoal falou olha, faz o mestrado, depois da constituição de 88. O pessoal falou olha, vamos fazer mestrado Kurata. Aí no fim acabei fazendo mestrado depois de aposentar. Por questão pessoal né, porque alguns acharam que eu era incompetente porque eu não tinha o mestrado né. Tem muita gente aqui, aqui não, colegas que achavam que eu era incompetente. Mas na sala de aula eu sempre desafiei, não tenho medo de ninguém. Entendeu? Porque... sei lá, a minha aula até hoje eu me inspiro no Professor Cid Guelli, saudoso Professor Cid Guelli, não sei se você conhece o Cid Guelli, ainda tem livros dele.

**RCP:** Sim.

**KK:** Até hoje eu uso os livros dele para pegar algumas coisas interessantes. Ele foi o meu inspirador lá no Anglo Latino. E depois eu fui aprendendo né com o professor Callado, que eu aprendi a dar aula. Essa parte motivacional foi a minha dissertação de mestrado, foi essa parte, era o ensino de Cálculo mas para a área ambiental, para cursos ambientais. Deve estar na internet por aí, inclusive aqui na biblioteca tem o meu exemplar aí acho. A minha dissertação de mestrado foi exatamente isso, é o ensino de cálculo para ciências ambientais, mas tocando na parte motivacional, motivar os alunos para o ensino, entendeu?

**Vídeo três (9 minutos e 30 segundos)**

**KK:** Aí me chamaram pra fazer doutorado, me convidaram para fazer doutorado lá, aqui, na Unicamp, não sei o que, aqui inclusive. Não. Chega. Já tô velho. Entendeu? Para que

que vou fazer doutorado se isso aí não alterar nada o meu comportamento em sala de aula, entendeu? O fato de você ter mestrado ou doutorado muda alguma coisa? Não, continuo sendo eu, Kurata, dando a mesma aula há 40 anos atrás. Continua sendo aquele chatinho né, chamando sempre a atenção do aluno e tal, pegando no pé do aluno, acordando ele quando está dormindo vou lá acordar o aluno. Entendeu? Eu continuo sendo igualzinho assim, entendeu? Então não muda em nada, com o mestrado não muda em nada, só título, dizer que é mestre. Eu não mudei nada.

**RCP:** Professor, parabéns, para mim foi um aprendizado, um prazer imenso estar aqui...

**KK:** Eu acho que outros colegas também devem ter a mesma...

**RCP:** Mas são pontos diferentes, pontos de vista diferentes, aprendizados diferentes. Cada um relatou um ponto importante, o senhor relatou um ponto muito importante, e dá para perceber que o senhor é apaixonado por aquilo que o senhor faz. Em primeiro lugar é apaixonado por aquilo que o senhor faz.

**KK:** Até o gabarito quando eu faço é assim ó. Gabarito, quer dizer, é a solução de uma questão, entendeu?

**RCP:** Entendi. Perfeita.

**KK:** Entendeu? Isso aqui é de vetores, esse está malfeito, rabiscado. Agora o de Estatística mesmo é isso aqui ó, entendeu? Isso é solução do problema para mostrar para o aluno, entendeu? É assim que eu dou uma aula né, com giz colorido e tal, entendeu? Isso aqui é a solução da prova de Estatística que eu dei agora essa semana, ontem aliás, ontem à noite, entendeu? Então eu mostro como é que faz, justificado, sem chutar, uma coisa compreensível, que qualquer olha e dá para entender, entendeu? É isso aqui ó. Isso eu faço e levo na sala de aula para os alunos depois da prova. Olha, é assim que você deveria fazer, de forma objetiva, entendeu? Essa é a minha aula, essa é minha aula, isso é aula, eu dou aula assim ó. Com giz colorido, entendeu? Então o aluno não tem o que reclamar de mim, porque pode ser que tenha um ou outro que dá uma aula melhor que a minha, mas vai ser difícil.

**RCP:** (risos)

**KK:** Porque eu capricho, eu dou o melhor de mim em sala de aula, e aí chego e ainda peço desculpas para os alunos. Olha eu peço desculpa para vocês, para alguns aí, porque eu não consegui conquistar né, a disciplina, a motivação para você fazer a disciplina, peço desculpa para vocês por não ter conseguido, ou então por não ter essa competência. Não consegui atingir para alguns alunos que não conseguiram passar aí. Então para esses, eu aconselho que vocês façam a disciplina com outros professores, porque eu não sirvo para vocês. Sempre eu falo isso no final, na última aula, eu peço desculpas. Eu sempre faço isso porque a gente erra. A gente nunca acerta. A gente erra também. Talvez para aquele aluno eu acertei, mas para o outro eu não acertei. Eu errei. E a outra coisa é que sempre na despedida, na última aula que eu falo, eu falo olha, saindo profissionalmente falando, tudo aquilo que eu comentei, as mensagens né, que eu deixei aqui, mas lá na vida

profissional, na vida mais adulta, eu falo para eles não esquecerem, não só respeitar as diferenças humanas, mas viver as diferenças humanas. Respeitar não é suficiente, é preciso viver, quer dizer, professora o que eu estou querendo dizer é discriminação quanto a sexo, quanto a cor, quanto à religião, enfim, discriminação de tudo quanto é tipo. É isso que eu falo para eles, sabe? Não é só respeitar as diferenças, é preciso viver as diferenças. Não é porque o cara é gay que então você vai dar menos valor. Não. Não é porque ele é de cor negra que ele tem menos valor. Você vai encontrar essa discriminação, você vai ver no mercado, eu falo para eles. Mas você tem que ser o multiplicador de ideias de respeitar as diferenças, e viver as diferenças. Respeitar só não serve, eu falo. É preciso viver essas diferenças. Essa é uma das últimas mensagens que eu deixo para os meus alunos nas últimas aulas, porque isso aí vale em toda nossa sociedade, seja na escola, seja no serviço, na família, é assim que vocês têm que educar os seus filhos. Eu digo se queremos mudar o mundo, o país, tem que começar assim, porque para mudar um país leva gerações, e tem que partir de você.

**RCP:** Parabéns professor, obrigada mais uma vez, viu? Agradeço muito. E agora eu vou fazer a transcrição da entrevista, vou textualizar a entrevista, vou mandar para o senhor, para que o senhor...

**KK:** Olha, você corrija algumas coisas né, porque eu falei assim espontaneamente...

**RCP:** Mas tem que ser espontaneamente mesmo.

**KK:** Sem pensar nada, então sei lá... tem coisas aí que se você vai transcrever isso, você vai ter que corrigir aí.

**RCP:** Vou. Vou transcrever, vou textualizar vou enviar para o senhor, para que se reconheça enquanto entrevistado, e vou mandar uma carta de aceite também, para que eu possa divulgar, e que essa nossa entrevista se torne fonte referência para todos aqueles que precisarem, para os historiadores, para as pessoas, para os professores terem como referência em seus trabalhos, em suas aulas né? Então eu agradeço de coração. Obrigada professor.

**KK:** Não é nada, imagina. Eu só falei aquilo que eu penso. Quer dizer, eu posso até estar errado em alguma coisa. Não estou dizendo que eu estou certo. Posso até estar errado em tudo isso que eu falei, em termos pedagógicos, didáticos, sobre o ensino de cálculo da matemática aqui, posso até estar errado em algumas coisas. Então se a pessoa, se alguém achar que eu estou errado, eu gostaria que a pessoa me dissesse, me provasse o contrário, entendeu? Porque a minha preocupação é em sala de aula professora, não é antes e nem depois, é em sala de aula, naquele instante. É quando você entra numa sala de aula até sair. É lá que está o aluno, a tese de doutorado, é lá que está o professor de matemática nos dias de hoje. O que que você vai fazer, o que é que você vai falar com aqueles alunos naquelas condições? Em termos motivacionais, em termos de modalidade de curso, na diversidade de cursos que a gente tem aqui, enfim, em termos seres humanos, em termos como ser humano né? Não é só meia dúzia não, você tem uma classe de 30, 40, 50, 70, 80 alunos às vezes. Então na classe, na minha turma de estatística da noite, por exemplo, tem 70, 80 alunos por semestre, sem microfone. Por exemplo você ver que eu estou

falando alto né? Isso já é de hábito viu? O fato de eu falar muito forte já é hábito. Por quê? Porque eu não uso microfone até hoje, aquele último aluno tem que ouvir o que você está falando. E o que eu escrever na lousa ou último aluno tem que ver. Por isso eu tenho esse hábito né? Eu falo muito alto perto das pessoas, viu professora? Não é falta de educação não viu? Tá?

**RCP:** Imagina professor.

**KK:** É hábito. Você dar aula para 70, 80 alunos na sala 14s, você tem que falar alto. E eu posso falar 3, 4 horas. Por quê? Porque eu não falo por aqui, eu uso o diafragma. Então não preciso usar. É igual cantar né? Você canta karaokê?

### Descritores

Faculdade de Tecnologia de Ourinhos  
Faculdade de Tecnologia de São Paulo  
Centro de Memória  
Unesp Bauru  
História oral na educação  
Memórias do trabalho docente  
Educação Matemática  
Rosemeiry de Castro Prado  
Katsuyoshi Kurata  
Anibal Callado  
Etec Lauro Gomes  
Mecânica  
Eletricidade  
Desenho Geométrico  
Processamento de Dados  
Geometria descritiva  
Professor Assistente  
Professor Pleno  
Professor Associado  
História da Matemática  
História da Ciência  
Grupo de História Oral e Educação Matemática  
GHOEM  
Secretaria de Ciência e Tecnologia



Memórias da educação tecnológica

Tecnólogo em Materiais Processos e Componentes Eletrônicos

Pedagogia Plena

Pedagogia em sala de aula

Ensino Médio

Português

Matemática

Física

Química

Ensino Fundamental

Educador

Evasão

História da Matemática

Für Hochschule na Alemanha

Era Newton

Cid Guelli

Gelson Iezzi

Material didático

Chefe de Departamento

Departamento de Ensino Geral

Área de Matemática

Cálculos

Estatística

### Dados Biográficos do Entrevistado



Katsuyohi Kurata, em 2016

**Katsuyohi Kurata** Graduado em Licenciatura em Matemática pela Universidade de São Paulo, USP (1967-1971), graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "José Olympio", de Batatais, FFCL- Batatais (1982-1983), especialização em Didática de Ensino Superior pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santana, Unisantana (1983-1984) e mestrado profissional em Tecnologia: Gestão Desenvolvimento e Formação pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, CEETEPS (2006-2007). Participou do trabalho de implantação das disciplinas MÉTODOS DE CÁLCULO (I e II) (1973, 1974 e 1975) e de MATEMÁTICA (I e II) (1976, 1977, 1978 e 1979). Foi membro do Conselho do Curso Superior de Tecnologia em Materiais, Processos e Componentes Eletrônicos de 1993 a 1996, e responsável pela implantação da disciplina Cálculo Diferencial e Integral (I e II) e de Estatística I do mesmo curso. Foi membro titular da Congregação da Faculdade de Tecnologia de São Paulo de 1991 a 1999 e chefe do Departamento de Ensino Geral da Fatec-SP de 1991 a 1995, participou do Estágio de Aperfeiçoamento no Ensino de Cálculo (projeto CAPES/DAAD) em 1990 na *Fachhochschule* de Munique na Alemanha (hoje, Universidade de Ciências Aplicadas de Munique). Atuou como professor da Fatec São Paulo de 1973 a 2001 e de 2003 a 2007. Desde 2008 é professor pleno da instituição.

#### Dados Biográficos da Entrevistadora



Rosemeiry de Castro Prado, em 2018

**Rosemeiry de Castro Prado** Licenciada em Matemática pela Unesp Bauru (1989) e em Pedagogia pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho (1992). Mestre em Educação Matemática pela PUC-SP (2003). Doutora em Educação para a

Ciência - Unesp/Bauru (2018). Pesquisadora do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM). Professora de Matemática do Ensino Médio da Organização Aparecido Pimentel de Educação e Cultura, desde 1995 (Sistema Anglo de Ensino) e de Cálculo Diferencial e Integral da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatec Ourinhos), desde 2008. Docente do Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes - BASis). Coordenadora do Curso Ciência de Dados da Fatec Ourinhos/SP. CV: <http://lattes.cnpq.br/9037046574064977>

**Anexos:** (Documentos sigilosos e não aberto online ao público):

Carta de Cessão de Katsuyoshi Kurata

Termo de Autorização para uso de Imagem de Rosemeiry de Castro Prado

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Rosemeiry de Castro Prado